

O CANTO DO ACADEMICO

Semanario academico-litterario

ASSIGNATURA

Braga : mez 100 rs.; trimestre, 300 rs.
Provincias : trim., 330 rs.
Pagamento adiantado

Publica-se ás segundas-feiras

Braga, 17 de Abril de 1893

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua de Santa Margarida
N.º 66

O SECULO XIX

Seculo de luzes e de progresso, seculo de inventos e de aperfeiçoamento? Não. Seculo de trevas e de retrocesso, seculo de perfidias e de corrupção? Sim... e não. Sim e não, digo eu.

Porque, se por um lado o seculo actual nos seus melhoramentos materiaes e sociaes tem progredido notavelmente, assombrosamente, levando a primazia a todos os que o precederam, produzindo maravilhas que elles nem sequer chegaram a imaginar—por outro lado o nosso seculo no seu aperfeiçoamento moral tem decahido notavelmente, incontestavelmente em face dos outros, dando margem ás paixões mais negras e torpes, aos vicios mais ignobes e hediondos e ás traições mais repellentes e cobardes.

Não!... ninguem pode contestar estas verdades.

O progredimento, o aperfeiçoamento da sociedade sob o ponto de vista material, é um facto.

O definhamento, o aviltamento da sociedade sob o ponto de vista moral é outro facto.

Que o resplendente phanal da civilisação deixa profundos vestigios no seculo XIX—é uma verdade.

Senão vejamos :

D'entre os que o precederam que seculo ha, que possa contender ou entrar em concorrência com o seculo actual?

Nenhum, por certo.

Letras e sciencias, artes e industria, agricultura e commercio tudo tem progredido, tudo tem avançado.

Hoje, com o auxilio da photographia, podemos roubar á natureza as suas mais encantadô-

ras paisagens, os seus mais graciosos aspectos.

Hoje, com a ajuda do telegrapho electrico, podemos transmitir a palavra d'um ao outro confim do mundo, com a rapidez do pensamento.

Hoje, com a construcção da via ferrea, podemos transportar-nos rapida e commodamente, d'um a outro paiz.

Hoje, com as innumeradas applicações da physica e chimica ás sciencias e ás artes, obtem-se o que n'outro tempo era considerado como impossivel.

Hoje...—mas paremos aqui. Para que tentar enumerar tantos e outros prodigios que os factos registram?!...

Mas, se o desenvolvimento em engrandecimento material da sociedade no seculo XIX se não pôde contestar, desgraçadamente não podemos dizer o mesmo do seu adiantamento moral.

Os vastos alicerces moraes, já baqueantes, continuam a derruir-se, a desmoronar-se.

Já não vale o talento, a facundia.

A Religião e a Fé que deviam ser os dois polos da sociedade, vão declinando, vão esmorecendo no coração de todos.

Nos nossos dias a moralidade é uma palavra inane-inutil.

A luz da civilisação sendo muito intensa tambem cega... em vez de produzir anjos, produz monstros.

Desenganemo-nos: o que é a raiz para a planta, o oxigenio para a atmosphera, o equilibrio para os liquidos, isso é a moralidade para a sociedade.

Isto é horrivel!...

Isto faz vontade de morrer!...

Nunca tanto a proposito aquella passagem da *Eneida*:

Sunt lacrimae rerum.

Braga, 14—4—93.

A. Passos.

AO SOL

Joia do ceu! Rei das luzes
Eu te saúdo assombrado,
Agradeço-te e venero-te
Diario favor dourado.

Abres as portas ao dia
E's o alento das aguas,
A alegria dos espiritos
Desvanecendo-lhe as magoas.

Da flor a alma querida,
E's espirito da planta,
O teu calor é celeste
A tua luz só encanta,

Quando te banhas nas ondas
De prata fazes o mar,
As nuvens com cor de ouro
As estrellas a brilhar.

Tu é que fazes os dias,
E's quem toucas as flores,
Matizas as lódas aves
Enchendo tudo d'amores.

Como te logro, venero-te
O astro, o grande Rei,
Mas inda mais eu venero
A Quem te manda por lei.

F. D.

ESBOÇOS

(A. Sebastião de Sá)

Fria e tenebrosa noite de Janeiro. O vento do norte perpassa gelido e soluçante, e atravez as nuvens diaphanas, que pairam nos ares, transparecem pallidas e amortecidas as estrellas. E ao longe um sino lança no espaço regelado o seu badalar funereo...

Dorme a cidade inteira... Apenas n'uma ou n'outra taberna mi-

seravel, por detraz de cuja porta carunchosa se ouve a vozearia avinhada e rouca de sordidos e esfarrapados commensaes, se nota algum indicio de vida. Tudo o mais é deserto...

E ao longe o bronzeo sino continúa a atirar ao espaço regelado as suas badaladas gemebundas...

N'uma taberna, situada n'uma rua estreita e lamacenta, e cujas paredes quasi desconjunctadas mal se sustentam em pé, é mais infrene o tumulto. Canções obscenas vibram no ar d'envolta com blasphemias horribes... e pela porta esburacada filtram-se tenues filetes de luz...

D'esse covil infecto sae um homem.

A roupa encharcada em vinho colla-se-lhe ao corpo macilento, e com passos cambaleantes, dirige-se hesitante para as viellas sombrias, onde vegeta a mais miseravel da gente.

Tropeça a cada passo, e por entre os vapores avinhados de que o seu cerebro se acha toldado, ainda se lembra, de que no immundo casebre em que vive, está a esposa outr'ora idolatrada e formosa e que agora se revolve, na palha apodrecida, nos braços da phytica que implacavel lhe vae sugando a vida... e que ao lado, os filhos pequeninos, anjos innocentes que vieram ao mundo para soffrer e chorar, lhe pedem entre soluços angustiados, o pão que o pae lhes recusa...

E o vento soluça, e na rua o ebrio cambaleia e chafurda na lama fetida...

E depois de hesitar durante algum tempo volta para traz, e reentra na taberna maldicta, cheia de fumo asqueroso e de exhalações putrefactas, e onde o dinheiro com que devia alimentar seus filhos se evapora em vinho. Bebe pois que precisa esquecer, esquece que os filhinhos tem fome, e que a esposa já quasi cadaver, em breve servirá de pasto aos vermes da terra...

Bebe e esquece...

E no casebre arruinado os filhos choram com fome e com frio, e o vento do norte ulula e geme, e atravez as nuvens de gasc scintillam as estrellas amortecidas e pallidas...

E o ebrio bebo e esquece...

Braga, Abril de 1893.

Hugo de Freitas.

Ao pôr do sol

(A virgem d's cabellos negros)

Na tua janellinha rendilhada
Olhando para a fuxa do poente,
O sol em tua fronte amorenada
Parece extasiar-se meigamente...

Porque foges, ó virgem indolente,
Tão depressa, ó estrella d'alvorada,
E deixas tu morrer lugubrememente,
O sol na janellinha já fechada?...

Elle leva saudades da belleza
Do teu seio, qu'em pallida nudeza
Poisona da despedida os beijos d'ouro...

E vae, linda, sonhar com tens cabellos
N'esse mundo phantastico, d'anhelos,
Onde elle esconde o seu corpinho loiro...

M. Oliveira.

PEQUENOS CONTOS

I

Uma estrella-correio

Havia dois amantes que se amavam muito... muito...

Conheceram-se desde que souberam conhecer e d'alli por diante nunca abrigaram em seu peito outro sentimento que não fosse um mutuo e ternissimo amor. Até aos doze annos viveram sempre ambos, brincaram sempre ambos; e depois, não passava um só dia, sem que, ingenuos como duas creanças, ao cahir preguiçoso da tarde e ao levantar dolente da noite, contassem reciprocamente as impressões que haviam colhido durante o dia.

Ella dizia que tinha um jardim muito bonito com cravos e camelias a abrir e amores-perfeitos já abertos, perfeitamente abertos...; e que quando o sol era mais quente deixava o jardim e vinha para a sala bordar um quadro e cantar uma canção.

O quadro era um amor-perfeito do tamanho do seu coração e a canção intitulava-se «A fonte dos amores».

Elle dizia que em tudo o que via, lia e escutava encontrava só uma imagem, só um nome—a imagem d'ella, o nome d'ella...; que ella era o objecto dos seus pensamentos, dos seus devaneios, dos seus colloquios; que ella era a sua vida!...

* * *

D'est'arte passava o tempo para aquelles felizes amantes que não tinham mais ambicão do que unirem-se, estreitarem-se, confundirem-se n'um só ente...

Porém um acontecimento inesperado os obrigava a separarem-se por uma grande distancia.

* * *

Como corresponderem-se agora, aquellas almas de cujo viver só Deus e o céu e as estrellas e as flores sabiam?

Seria problema difficil para dois falsos amantes; mas para elles não. Simultaneamente levantam os

olhos para o céu como fonte de todo o remedio. E diz ella:

—Querido Arthur, vez aquella estrella mais viva que está além?

—Vejo, diz elle, é a minha estrella predilecta, amada Margarida.

—Pois bem será ella o nosso correio. Ainda que vás lá para muito longe, eu hei de vê-la sempre mais viva com a luz do teu olhar.

—E eu julgo que se apagará, se tu deixares de a contemplar, accudiu elle.

E assim se ficaram correspondendo.

Porém como isto passou já ha muitos annos não haverá hoje quem os queira imitar.

Braga, abril, 93.

Augusto Candido.

—* * *—

Pomba branca

Se foi cantar de Beatriz o Dante,
Se de Nathercia foi cantar Camões
E de Laura, Petrarca, o minha amante,
São pobres para ti minhas canções!

E, se em noites serenas fito o espaço,
Eu julgo vê-te lá no firmamento,
Tão bella como a Beatriz do Tasso
Revendo-se nas aguas de torrente!...

Porém, se ás tuas perfeições meu canto
Não corresponde, ó flôr preciosa e rara...
Quero, ao menos, beijar teu collo santo,
Mais branco do que a espuma do Niagara!...

Braga, 19—3—93.

M. Gonçalves Cerejeira.

—* * *—

Tristezas

(Ao meu amigo Arthur A. de Moraes Leite)

Como era pesado o habito que havia lançado sobre si!

Como elle vinha derribar n'um momento a aurora dourada que começava a apontar.

Tristissima situação!

Mas assim como o naufrago batido pelas vagas prodigiosas se agarra convulsivamente á rocha que poude alcançar, ainda que veja diante de si a fome e a miseria, tambem elles fixaram a sua attenção em Deus, ultima esperanza que vem bruxofear nos labios dos desgraçados.

Mas a Providencia desejava unil-os e portanto vellava por elles.

Um dia o homem que empunhava o sceptro quiz que as paredes d'aquelle recolhimento voassem desfeitas até aos confins do mundo e que esses velhos, na maior parte, fossem em debanda, como as andorinhas, pedir abrigo fora do recolhimento querido.

Em breve abandonaram o con-

vento. Mas Alfredo havia de partir sem as forças lh'o permitirem?

Havia de deixar distante o coração da mulher que idolatrara, a mulher que tantas lagrimas o fizera chorar?

Não.

Foi assim que elle fez.

Disfarçado conseguiu alcançar uma povoação proxima e ir repou-sar os ultimos annos da existencia n'uma casa amiga, mas longe de Leonor, por quem morria pouco a pouco.

Estava em casa de duas velhas amigas da sua mãe e que comprehendiam bem as causas que alli o arrastavam.

Todos procuraram em segredo saber noticias de Leonor e fazer com que ella viesse á casa em que elle se achava.

Conseguiram-n'o e em poucos dias parou á porta de Alfredo uma carruagem que conduzia Leonor.

Esta apeou-se, fez um signal, e immediatamente sentiu o carro retrogradar.

A porta appareceram dois vultos que a escuridão da escada não deixou distinguir a Leonor.

Alfredo e uma das velhas.

Aquelle, ao ver, á claridade da luz que traziam, o rosto de Leonor, soltou um gemido lugubre que só as aves nocturnas ou o infeliz moribundo seriam capazes de retratar.

Leonor cahiu-lhe nos braços, dizendo a custo:

—Todas as minhas caricias não pagam os soffrimentos que tens tido; são apenas uma sombra tenue do meu amor.

—Não falles assim Leonor, que me magôas o espirito que já não pode supportar mais. Corre sobre o passado um véo e olha para as esperanças e felicidades que o futuro nos pode dar.

—Agora partamos d'aqui e abandonemos o paiz que tantas infelicidades nos trouxe.

—Pois sim Leonor, mas fraqueiam-me as forças; por emquanto...

—Vem, que os meus braços te conduzirão á felicidade.

Tristezas que acabam por alegrias!

Braga, 16 de abril de 1883.

Sebastião de Sá.

RECORDAÇÃO

SYLVIA

Em conversa amorosa e rendilhada cheia d'alegria, cheia de motejo, perguntei, perguntei a minha amada que me dissesse o seu maior desejo.

Ella respondeu tímida, acanhada, escondendo o rosto rubro pelo pejo.
—Sabes o que eu mais tenho desejado?
E' a noite feliz do meu noivado.

Paixão Bastos

PERFILISANDO

Joaquim Mattos. — E' um dos estudantes mais conhecidos e considerados da nossa Academia.

Não se impõe talvez como modelo de applicação; mas impõe-se como modelo de prudencia e rectidão de character, sendo por isso presidente de todas as presidenciaes que apparecem entre academicos.

Figura esvelta, barbas loiras, olhos azues... Com quem se parece?...

Bondoso, affavel, amante da Humanidade e um verdadeiro altruista, um socialista edeal.

Se fosse mais egoista, isto é, se trabalhasse mais para si e menos para os outros, estaria hoje em Coimbra; seria meio bacharel talvez. Assim está entre nós que o prezamos e estimamos como bom collega e melhor amigo.

José Lage. — Um coração de pomba, uma bella alma, uma graciosa figura, um sincero amigo, um amante da liberdade, um amantissimo de * * * . . .

Eis o perfil de José Lage. Juntamos-lhe agora que adora em extremo a sua familia, o seu lar, a fonte da sua aldeia, as arvores que cercam a sua casa, o regato que passa lá perto e temos tudo dicto.

Eurico de Cartêa.

UM ULTIMO ADEUS!

I

Era um dia de primavera em que eu pela primeira vez vi a Ignez.

Parece que a natureza n'esse dia enveçou o manto mais precioso, para a contemplar.

Ella era bella.

Eston em dizer, que nunca o inspirado cinzel de Phidias debuxou no marmore perfil mais poetico como o de Ignez! Era senhora de grandes olhos pretos, d'uma doçura etherea, havia ligeiros lampejos de profunda tristeza, e, no seu semblante de alabastro, encontravam-se, de vez em quando, tenues sombras de tristeza, que se desfaziam, como tenues rôlos de fumo que a brisa surprehende, ao contacto suavissimo de sua estremosa mão,—a qual ella adorava quasi como um Deus.

II

Conheci-a bem n'esse mesmo dia em que eu a vi junto ao balcão de

modesto pinho, onde os lilazes e os malmequeres exalavam ao ceo o seu agradável perfume; acariciava com a sua delicada mão, ornada com alguns aneis, uma branca pomba muito meiga.

Viu-me; mas ao reparar que eu a admirava meio estupefacto, a sua face de neve, tingiu-se logo, desviando de mim o seu fino olhar, para ir de novo afagar a doce pomba. Foi d'ahi que eu nunca mais pude olvidal-a.

Quando todas as sestas, e os ultimos raios do sol pareciam mergulhar no oceano e as aves, em revoadas, voavam, chilriando, para os seus deliciosos ninhos, eu com a alma delirante, dirigia-me apressado ao logar aonde ficava a habitação de Ignez, e,ahi, defronte da janella em que a vi a vez primeira, quedava-me contemplativo e absorto, á espera que o seu branco semblante muito branco e serio apparecesse, e que as suas mãos de nympha cerrassem a vidraça. Depois, retirava-me, pensando sempre n'ella, até á hora em que, cerrando-se os meus olhos, ella me apparecia em sonhos cheios d'uma fagueira esperanza, ridentes, mesmo cor de rosa e ouro, fitando em mim, tristemente o seu olhar dolente, enquanto que uma das suas mãos afagava a pura pomba branca, e a outra fazia descer a vidraça.

III

Uma bella tarde parava eu defronte da janella de Ignez.

Foi então que senti cobrir-se-me o coração de tristeza e enfadonhas afflicções, e um negro presentimento adajar em volta de mim!...

A janella estava cerrada. Os lilazes e os malmequeres-brancos, como o manto da virgem, já não mandavam ao ceo o agradável e delicioso perfume. E a pomba tão branca, tão meiga?

Eugénia?

Corri, como perturbado de minhas faculdades, a instar o que era feito da menina da janella, de face branca e grandes olhos pretos.

Uma pobre mulher, que dobava na sua carunchosa dobadora, sentada na soleira da porta, ao ouvir-me, olhou e perguntou-me:

—O senhor conhecia a menina Ignez? Era uma santa, coitadinha.

—Mas, aonde está ella? —perguntei inquieto.

A boa mulher tornou a olhar-me, espantada e dolorida, e duas grossas lagrimas lho sulcaram as magras faces. Depois, limpando os olhos á ponta do avental de serguilha, disse-me:

—Não ouve como toca o sino da igreja?...

Compreendi tudo, e, desvairado, voei ao templo.

Entreí e depois de ajoelhado estremei!

Arrastei-me, banhado em lagrimas, até junto de Ignez, osculei-lhe a pequenina mão, e depois, a face branca e fria...

Deitada no pequeno esquite, ornado de lyrios e violetas, lá estava ella, e, ao seu lado, a meiga pomba, a companheira querida, parecia esperar impaciente, que a tampa do ataúde florido descesse, para depois, erguendo o vôo, levar até aos céos, a alma de Ignez, parcella do seio de Deus, cahida na terra, e que da terra, voltava ao seu primitivo logar d'onde emana...

Nunca me ha de esquecer aquelle dia...

Braga, 12-4-93. A. M.

CARTA

Snr. redactor

Pedia-lhe a inserção d'estas linhas no proximo numero do seu jornal.

Snr. redactor

Resolveu e declarou V. que não achava conveniente responder a mais nada que insultasse quer o seu jornal ou alguém.

Cumprindo as suas ordens, é porisso que hoje me não digno responder ao artigo do fundo e outros taes que me diziam respeito n'um jornal ultimo.

Eu mesmo reconheço que nunca deveria ter respondido, pois a quem o fiz nem merecia as honras d'uma resposta; mas o meu unico fim era ridicularisar esse typo como elle merecia, com os inumeros dados que possuia para isso.

Não o faço em reverencia ás suas ordens, e por esta permitta eu declare publicamente que a tudo o que esse jornaleco publicar contra mim, não ligarei a minima importancia; o que eu lhes faço é agradecer-lhes com um sorriso de piedade e compaixão por serem tão tolinhos.

Pego-lhe licença para não declarar o meu nome, e de resto creio-me um seu creado
amig. att.^o ven.^{or}

Agradecimento

O editor d' «Os velhos», comedia em trez actos do illustre publicista D. João da Camara, teve a amabilidade de a offerecer á nossa redacção.

Penhoradissimos lhe agradecemos a offerta, recommendando a todos os que amam as obras de talento e arte a acquisição da nova comedia.

A RIR

No escriptorio dos americanos.

—Estou desempregado e vinha pedir a V. Exc.^a um logar de conductor, de cocheiro, ou de moço...

—Não ha vaga nenhuma. Mulas é que nós precisamos. Morreram tantas!...

—Então dê-me V. Exc.^a um logar de mula.

De mula?

Não é para mim, é para minha sogra.

*

* *

Na «Havaneza»

O dono:—Posso afirmar-te que ha cães mais intelligentes do que os donos.

—Essa agora!

—Digo-te eu que ha. Por signal que tenho um lá em casa.

* *

Faltando n'uma banda regimental um musico, pergunta o commandante do corpo ao ajudante:

—Porque não está alli o musico A?

—Suicidou-se hoje, meu commandante.

—30 dias de detenção.

—Suicidou-se!

—Mais 30 dias de detenção.

—Matou-se!!

—Ah! então dissesse logo isso.

* *

Na instrucção de recrutas:

O sargento instructor aos galuchos:

—A'vóz de alto, aproxima-se rapidamente o pé que está no chão d'aquelle que está no ar, e fica-se firme.

* *

Um meu condiscipulo foi visitar um litterato. Achou-o furioso, sentado á meza do trabalho.

—Que tem, meu caro amigo?

—Ora! quero escrever, mas as ideias não querem sair.

—Oh! Diabo! Tome um purgante.

* *

Entre marido e mulher;

—Passas todo o teu tempo a lêr, homem! Quem me dêra ser livro...

—Folhinha! folhinha é que devias ser, para te poder mudar no fim do anno.

Rectificações

Na carta do Ex.^{mo} Snr. Fausto Guedes Teixeira, que publicamos no numero 5 d'este jornal, onde se lê *está feita já* deve lêr-se *será talvez feita*.

Nos retalhos do Ex.^{mo} Snr. Gonçalves Cerejeira, do mesmo numero, onde se lê: «destacam-se Teophilo Braga, com a «Visão dos tempos», Anthero do Quental, com as «Odes Modernas». Deve lêr-se: «destacam-se Teophilo Braga, com a «Visão dos tempos», Anthero do Quental, com as «Odes Modernas», João de Deus, com as «Flores do Campo» e Guerra Jun-

queiro, com «A Morte de D. João». E no periodo que se segue immediatamente, em vez do que lá se encontra, deve lêr-se isto: «Ultimamente apparece uma pleiade de novos que abandonam os moldes acanhados em que os conselheiros e amanuenses vasavam as suas banalidades poeticas, para caminharem, mais ou menos, na senda traçada pelos poetas-philosophos que acabo de citar, manifestando, assim, em certo modo, uma nova evolução litteraria mais symbolica».

No soneto do Exc.^{mo} Snr. Pajão Bastos publicado na 3.^a pagina do 6.^o numero onde se lê. *c'o a cabeça pendida no seio* deve lêr-se *c'o a cabeça pendida no teu seio*.

Foram decifradores dos logogriphos do numero anterior o snr. Antonio Vilares e Avelino da Costa e Sá, e das charadas este e o snr. Anselmo Bahia.

Decifrações do numero anterior

Dos logogriphos

Algarvio—Rosmaninho

Das charadas novissimas

Pão de ló—Garra fão—Regallo—Regoa—Vieira—Feliz—Vida—Regulador—Camello—Chaves.

Das charadas electricas

Sopapos—Luar—Rata—Passos—Mira—Vella—Nora—Lima.

Charadas novissimas

Este appellido, na estrada, é um batrachio—1—1.

Come-se, no entrudo, mas magôa—2—1.

No fim, do homem, leva-se e dá-se—2—1.

E' liberal, no homem, esta cidade—1—1.

No leão, na musica e na Vinicola—2—1.

Este instrumento, da musica, é do bonet—1—1.

Aqui esta vasilha cobre-nos—1—2.

—Na musica, está repleto, nos pasteis—1—2.

BRAGA

Imprensa do Collegio de S. Luiz

O editor responsavel